

MARIA DE FÁTIMA GODINHO DE SOUZA

DIAGNÓSTICO SÓCIO-ECONÔMICO DA POPULAÇÃO  
PERIFÉRICA E CENTRAL DA CIDADE DE LAVRAS-MG

Tese apresentada à Escola Superior  
de Agricultura de Lavras, como  
parte das exigências do curso de  
Mestrado em Administração Rural,  
para obtenção do grau de Mestre.

BIBLIOTECA CENTRAL  
E. S. A. L.

N.º CLASS T.301.36  
SOU

dia  
N.º REG. 23755  
DATA 25/3/84

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS  
LAVRAS -:- MINAS GERAIS

1 9 8 2

INSTITUTO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA

CENTRO DE ESTUDIOS ECONOMICOS DA POPULACAO  
CENTRAL DA CIDADE DE LAVRAS

Este documento é propriedade  
do Instituto de Economia e Sociologia  
e não pode ser vendido, alugado,  
nem emprestado sem a autorização  
do Instituto de Economia e Sociologia

E S A L

N.º CLASS

\_\_\_\_\_

N.º REG

\_\_\_\_\_

DATA

\_\_\_\_\_

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS

AV. 5 - N.º 365

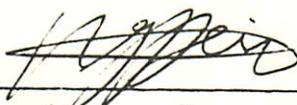
1952

APROVADA:

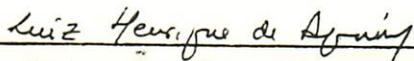


Prof. GUARACY VIEIRA

Orientador



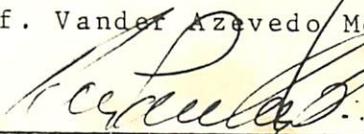
Prof. Antônio João dos Reis



Prof. Luiz Henrique de Aquino



Prof. Vander Azevedo Moraes



Prof. Vicente de Paula Vitor

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Odorêncio e Stela,  
Ao meu companheiro Ivan,  
À Letícia

DEDICO ESTE TRABALHO.

## AGRADECIMENTOS

A outora agradece a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

À Escola Superior de Agricultura de Lavras, em especial ao Departamento de Economia Rural.

Aos professores Guaracy Vieira, Antônio João dos Reis, Luis Henrique de Aquino, Vander Azevedo Moraes e Vicente de Paula Victor, pelas correções e orientações.

Ao biblioteconomista Dorval Botelho dos Santos pelas correções das referências bibliográficas.

Aos amigos e colegas do curso de mestrado, pela amizade durante os meses de convívio.

Ao amigo Antônio Carlos Loureiro Lino pela colaboração na coleta dos dados.

## BIOGRAFIA DA AUTORA

A autora, filha de Odorêncio Godinho e Stela Pereira Godinho, nasceu na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, aos 13 de julho de 1954.

Cursou o primário no Grupo Escolar Olegário Maciel, o ginásio e parte do científico no Colégio Estadual Governador Milton Campos, tendo concluído o científico no Colégio Pitágoras. Gradou-se em Ciências Econômicas, pela Faculdade de Economia da Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1977.

Em 1978, iniciou o curso de Mestrado em Administração Rural, concentração na área de planejamento agrícola, na Escola Superior de Agricultura de Lavras, Minas Gerais.

## SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. O problema e sua importância .....	1
1.2. Objetivos .....	6
1.2.1. Geral .....	6
1.2.2. Específicos .....	6
2. MATERIAL E MÉTODO .....	8
2.1. Descrição do município em estudo .....	8
2.2. A área e período de estudo .....	9
2.3. População e amostra .....	9
2.4. Coleta e análise de dados .....	13
2.5. Variáveis e sua operacionalização .....	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	17
3.1. Caracterização das famílias .....	17
3.1.1. Número, composição e tamanho médio das famílias .....	17
3.1.2. Distribuição etária da população .....	20
3.1.3. Origem e migração das famílias .....	23

	Página
3.1.4. Escolaridade da população periférica e central .....	29
3.1.5. Religião .....	35
3.1.6. Condições de habitação e saúde das famílias .....	36
3.2. Estrutura do emprego e níveis de desemprego ....	41
3.2.1. O potencial da força de trabalho .....	41
3.2.2. População economicamente ativa .....	42
3.2.3. Origem dos rendimentos .....	47
3.2.4. Nível de desemprego .....	49
3.3. Renda "per capita" e a despesa total "per capita" nos diferentes bairros .....	55
3.4. O padrão de consumo da população .....	59
3.4.1. Tipos de despesas feitas pelas famílias .....	59
3.4.2. Proporção das despesas em relação à despesa total .....	60
3.4.3. O consumo alimentar .....	63
3.4.4. Reação dos compradores a um aumento no preço dos alimentos .....	66
4. CONCLUSÕES E SUGESTÕES .....	70
4.1. Conclusões .....	70
4.2. Sugestões .....	73
5. RESUMO .....	75
6. SUMMARY .....	77
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	79

## LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1 População, amostra e número de domicílios entrevistados nas zonas periféricas e zona central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	13
2 Número, composição e tamanho médio das famílias nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	18
3 Comparação do tamanho médio das famílias das zonas estudadas em 1967 e 1980 .....	19
4 Número e percentagem de casais que fazem o controle da natalidade nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	20
5 Distribuição etária da população das zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	21

## Quadro

## Página

6	Distribuição etária da população das zonas periféricas da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	22
7	Origem dos chefes de família das zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980	23
8	Município de nascimento dos chefes de família das zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	24
9	Famílias migrantes para zona urbana do município de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	25
10	Razões das migrações das populações das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..	27
11	Situação de posse da terra das famílias migrantes rurais, na origem e época da migração, residentes nas nove zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	28
12	Índice de escolaridade da população* em nove zonas periféricas e zona central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	30
13	Escolaridade da população*, segundo o sexo, nas zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	31

Quadro	Página
14 Situação escolar dos filhos, de 7 a 15 anos, dos <u>ca</u> sais das nove zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	33
15 Comparação entre o nível de escolaridade dos chefes de família e filhos na população das zonas periféri cas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	34
16 Religião das famílias das nove zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	36
17 Condições de habitação das famílias residentes em nove zonas da periferia e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	37
18 Cuidados com a saúde das famílias residentes nas <u>no</u> ve zonas periféricas e zona central de Lavras - Mi nas Gerais, 1980 .....	39
19 Vacinação e aplicação de vermífugos nas crianças das nove zonas da periferia e zona central de La - vras - Minas Gerais, 1980 .....	40
20 Potencial da força de trabalho nas zonas periféri - cas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	41
21 População economicamente ativa nas zonas periféri - cas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	43

Quadro	Página
22	Duração do trabalho nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 45
23	Profissão mais exercida pelos homens e mulheres das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 46
24	Origem dos rendimentos das populações das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 48
25	Emprego permanente nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 50
26	Nível de desemprego e número de desempregados, quanto ao sexo e origem, nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 51
27	Número de desempregados, quanto à idade, nas zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 53
28	Número de desempregados, quanto à escolaridade nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais 1980 ..... 54
29	Renda média "per capita" para as zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..... 56

## Quadro

## Página

30	Despesa média "per capita" anual para as zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..	57
31	Comparação entre renda e despesas totais "per capita" anuais nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	58
32	Categorias de despesas nas famílias das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980 ..	59
33	Percentual médio das despesas familiares nas diferentes zonas de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	61
34	Relação entre renda e despesas com alimentação nas diferentes zonas de Lavras - Minas Gerais, 1980 ...	62
35	Consumo por comensal/ano em quilo dos alimentos mais usados nas famílias das diferentes zonas em Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	64
36	Reação dos compradores à elevação dos preços nas diferentes zonas de Lavras - Minas Gerais, 1980 .....	68

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1 Planta esquemática da zona urbana de Lavras - Minas Gerais .....	10

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. O problema e sua importância

Ao se analisar a sociedade humana, percebe-se a formação de um tripé, onde seus componentes estão intimamente relacionados: emprego, renda e consumo. Para a satisfação de suas necessidades, os indivíduos necessitam de renda que é conseguida através do trabalho.

Em 1977, segundo o BID (2), entre as grandes regiões do mundo, a América Latina apresentava a mais alta taxa de crescimento de sua força de trabalho, decorrente da alta taxa de crescimento demográfico e do número de pessoas que se consideravam como membros da força trabalhadora.

Ainda segundo o BID (2), o Brasil, o México, a Argentina e a Colômbia eram, nesta ordem, os quatro países com maiores contingentes de mão-de-obra, constituindo 70% do total da força de trabalho da América Latina, em 1975. No entanto, este rápido crescimento da força de trabalho não estava sendo acompanhado por um incremento das oportunidades de emprego, acarretando graves pro-

blemas de desemprego e subemprego. Para esses indivíduos, isso se traduzia em perda de renda, menos alimento, habitação mais pobre, saúde debilitada, frustração e ociosidade.

Para o Brasil, o Censo Demográfico de 1970, estimou, segundo CUPERTINO (6), que do total de 92 milhões de pessoas, pouco menos de um terço, trabalhava ou tinha alguma fonte de rendimento. Ao se considerar apenas os 51 milhões de idade de trabalhar, a proporção aumentava, mas, ainda assim, cada brasileiro, que dispunha de renda sustentava em média duas outras pessoas. Este fato, segundo o autor, podia ser explicado pelo grande número de crianças e mulheres sem trabalho. Ressalta-se que a proporção de mulheres ocupadas ainda era muito pequena em relação ao número de mulheres em idade de trabalhar (menos de um quinto). Além disso, dessas mulheres que trabalhavam mais de 25% faziam parte de um mercado específico, que era o das empregadas domésticas.

Detendo-se apenas às atividades urbanas, afirma CUPERTINO (6) que das 15 milhões de pessoas ocupadas em 1970, um terço era constituído por autônomos, incluídos, nesta categoria, os biscoiteiros e vendedores ambulantes (3 milhões); empregadas domésticas (1,6 milhões); e dependentes não remunerados (0,4 milhões) que ajudavam o chefe da família a ganhar o seu sustento. Portanto, de cada 3 pessoas pelo menos uma estava sendo mantida em condições de subemprego e sub-remuneração, atuando como "reserva" da força de trabalho e contribuindo para manter baixo o salário dos que estavam empregados.

Aliado a esse crescimento demográfico, verifica-se um movimento de pessoas do campo para as cidades, tornando o crescimento da população urbana em ritmo superior ao da população total.

Estudiosos de diversos países e épocas vêm pesquisando esses deslocamentos populacionais desde que RAVENSTEIN (16), em 1881, ressaltou a atração exercida pelas cidades e apontou como causa primeira das migrações a procura de mão-de-obra nos centros industriais e comerciais. LEE (12) salienta que os trabalhos de Ravenstein resistiram ao tempo e são sempre "ponto de partida" para outros estudos. Para SINGER (19), as "leis de migração" de Ravenstein se aplicam razoavelmente às migrações campo-cidade em vários países em processo de industrialização, inclusive em países da América Latina.

No Brasil, segundo MATA et alii (14), em 1940, a população urbana era 31% da total e em 1970 atingia 56% com as migrações ultrapassando os 7 milhões entre 1950 e 1970. Para MATA (13), é a partir de 1930 que as migrações começam a ter um papel de destaque na recomposição espacial da população, sendo que, entre 1940 e 1970, as populações rurais e urbanas cresceram a taxas médias anuais de respectivamente, 1,8% e 4,8%.

SINGER (19) distingue nas migrações, os fatores de expulsão do lugar de origem e os fatores de atração do lugar de destino, sendo que destes o mais importante seria a demanda por força de trabalho. Essa demanda é interpretada como proporcionando "o

portunidades econômicas". No entanto, ainda segundo este autor, muitos obstáculos se interpõem entre o migrante e a "oportunidade econômica", fazendo com que muitos não sejam absorvidos pelo mercado de trabalho. Também salienta TODARO (20) que frequentemente se encontram referências aos crescentes fluxos de migração rural-urbana e à incapacidade da economia urbana de oferecer empregos permanentes para essa mão-de-obra, que em países com abundância de terra, ou de mão-de-obra ou de capital. Para este autor, a decisão de migrar do campo para a cidade está relacionada a 2 variáveis principais: o diferencial de renda real e a probabilidade de obtenção de um emprego urbano. MUNÕZ e OLIVEIRA (15) também observaram, em vários estudos, que a motivação mais frequente para as migrações era o trabalho.

A tendência à crescente urbanização não é uma característica apenas dos grandes centros, e, como salienta MATA et alii (14), espalha-se consideravelmente pelos centros médios e pequenos. Também para COSTA (5), as cidades de 50 a 100 mil habitantes têm contribuído de forma significativa na redistribuição geográfica de população. Provavelmente, as dificuldades enfrentadas pelos migrantes dessas cidades são semelhantes às dos migrantes em centros maiores.

O município de Lavras, como vários outros, também tem contribuído para essa redistribuição geográfica. Em 1970, segundo o FIBGE (9), a população urbana já era superior à rural, sendo 79,8% da população total. Essa taxa foi sendo aumentada a cada

ano e em 1980, segundo o FIBGE (10), chegou a 85,7%. Além disso, o fenômeno das migrações já tinha sido identificado desde 1967 por VIEIRA (22), quando estudou alguns bairros da cidade, e constatou que 41,9% das famílias entrevistadas eram migrantes.

Toda essa estrutura do emprego e as dificuldades de obtenção de renda refletem-se no consumo da sociedade. Sabe-se que os indivíduos têm o problema de conseguir renda e gastá-la em serviços e bens de consumo de modo a satisfazer suas numerosas necessidades e desejos. Sendo assim, a renda é distribuída entre os diversos tipos de bens e de maneira diferente, conforme o seu montante.

No estudo feito sobre a composição dos gastos familiares em Curitiba, segundo comentários de BRAGA (3), chegou-se à conclusão de que o predomínio dos gastos era com alimentação, apresentando-se percentualmente menor nas classes de maior renda média, porém sempre crescente, em termos absolutos. Foi observado também que a melhoria do nível médio de renda acarretava demanda de bens e serviços ligados à saúde, recreação e educação.

Ao estudar as famílias da cidade de Viçosa, BRAGA (3) também verificou que, à medida em que a renda crescia, os consumidores dedicavam menor proporção a alimentos e maior proporção a outros artigos. O consumo, portanto, da população de baixa renda, era para atender às necessidades mínimas de sobrevivência, nem sempre atendidas satisfatoriamente.

MATA (13), considera que há uma interligação íntima entre os problemas de distribuição de renda, de desemprego e de pobreza e que há uma influência significativa de qualquer um deles sobre os níveis de bem-estar de uma população.

Em Lavras, ainda segundo VIEIRA (22) a população estudada, naquela época, apresentava baixa renda per cãpita, elevado número de desempregados e um baixo índice de escolaridade. Além disso, os bairros apresentavam problemas de saneamento básico.

Em resumo, portanto, verifica-se a existência de grandes contingentes de pessoas vivendo nas cidades, muitas vezes desempregadas, outras em condições de subemprego e mal remuneradas e, conseqüentemente, não consumindo de acordo com suas necessidades e desejos, refletindo em condições precárias de saúde, alimentação, habitação e educação.

## 1.2. Objetivos

### 1.2.1. Geral

Analisar a situação do emprego, os níveis de renda e consumo das populações periféricas e central da cidade de Lavras.

### 1.2.2. Específicos

a) Fazer uma caracterização das famílias segundo as dife-

- rentes zonas residenciais;
- b) calcular o potencial da força de trabalho, a população economicamente ativa e o nível de desemprego de acordo com o sexo, a origem, a escolaridade e idade das populações;
  - c) calcular a renda "per cãpita" e a despesa total "per cãpita" da população;
  - d) determinar os padrões de consumo das populações com alimentação, habitação, vestuário, saúde e educação;
  - e) determinar as reações da população estudada em relação ao preço de compra dos produtos alimentícios.

## 2. MATERIAL E MÉTODO

### 2.1. Descrição do município em estudo

O município de Lavras situa-se na região sul do Estado de Minas Gerais, possuindo uma população de 52.760 habitantes, sendo que as populações urbana e rural são respectivamente 45.345 e 7.415 habitantes, segundo o FIBGE (10).

Lavras situa-se a 910 metros de altitude, com temperatura média oscilando entre a mínima de 11,6°C e a máxima de 26,4°C, com uma precipitação média anual de 996 mm e com uma área de 537 km<sup>2</sup>, EMATER-MG (7).

O município é considerado um centro educacional para onde converge um grande número de alunos de toda região.

A cidade conta com duas escolas de nível superior: A Escola Superior de Agricultura de Lavras e o Instituto Superior de Ciências, Artes e Humanidades de Lavras. O ensino primário é ministrado em dez escolas estaduais e uma particular, e o ensino de primeiro e segundo graus em sete colégios sendo quatro estaduais

e três particulares, conforme dados coletados pela autora.

A população urbana, economicamente ativa, ou distribuem-se nas diversas atividades comerciais e industriais ou são profissionais liberais, funcionários públicos e assalariados. O setor industrial constitui-se dos principais ramos: têxteis, confecções e agro-industrial.

## 2.2. A área e período de estudo

A área de estudo é constituída pela zona central e alguns bairros periféricos da cidade de Lavras que abrigam uma população de baixa renda. Os dados coletados referem-se ao período de maio a outubro de 1980.

## 2.3. População e amostra

A cidade de Lavras está dividida em trinta zonas pela Prefeitura Municipal.

A população foi constituída inicialmente pelos domicílios existentes em dez dessas zonas com seus respectivos bairros a saber, segundo a Planta esquemática da Zona Urbana (Figura 1):

1. Zona 8 - Bairros Lavrinhas e N. S. de Lourdes .
2. Zona 10 - Bairro Nova Lavras e Vila Ester
3. Zona 14 - Bairros Cascalho, Martins e Planalto
4. Zona 16 - Bairro Santa Efigênia



5. Zona 18 - Vila Cruzeiro do Sul
6. Zona 20 - Bairro Murad
7. Zona 25 - Bairro São Vicente
8. Zona 26 - Vila Joaquim Sales
9. Zona 27 - Bairro Jardim Glória
10. Zona Central.

A escolha dessas dez zonas foi feita buscando-se contornar a periferia de toda a cidade mais o centro da mesma.

Utilizou-se no trabalho uma amostra com probabilidade proporcional ao tamanho, mediante a amostragem sistemática para as nove primeiras zonas (as da periferia).

Através do Cadastro Técnico Municipal da Prefeitura, fez-se uma listagem do número de quadras existentes em cada uma das nove zonas periféricas e do número de domicílios existentes em cada quadra. Eliminou-se da população todas as quadras com menos de 10 domicílios, pois havia uma grande variabilidade na tamanho destas e algumas apresentavam até áreas novas sem nenhum domicílio. Na zona 16 foram eliminadas as quadras com menos de 5 domicílios, pois nesta zona este problema era mais acentuado. Diminuiu-se, portanto, a população e as quadras tornaram-se "unidades primárias" homogêneas, critério semelhante ao usado pela FGV (8), na pesquisa sobre consumo alimentar nos conjuntos habitacionais da COHAB no Rio de Janeiro.

Em cada zona, escolheu-se inicialmente um terço das qua -

dras com probabilidade proporcional ao tamanho. Para isso, acumulou-se o número de domicílios em cada quadra, determinando-se, em seguida, o valor do intervalo dado pela razão:

$$\frac{\text{número total domicílios acumulados}}{1/3 \text{ do número de quadras ou unidades primárias}}$$

Através de uma tabela de números aleatórios, sorteou-se um número de partida compreendido neste intervalo. Adicionando-se a tal número os múltiplos sucessivos do intervalo, identificaram-se, através da lista acumulada dos domicílios, quais as quadras que seriam sorteadas. O próximo passo consistiu em se tomar uma fração de amostragem correspondente a 10% dos domicílios registrados na zona. Esta fração foi distribuída equitativamente pelas quadras sorteadas. Finalmente, foram preparadas listagens das quadras, procedendo então ao sorteio dos domicílios que seriam entrevistados, mediante o uso de uma tabela de números aleatórios.

Para a décima zona, ou seja, a central, devido à impossibilidade de se identificar previamente, através do Cadastro Técnico da prefeitura, o que seria domicílio ou não e, em razão da grande quantidade de casas comerciais, estabelecimentos bancários etc., optou-se por uma amostragem aleatória simples. O procedimento foi o seguinte: delimitou-se o "centro da cidade"; as ruas estabelecidas foram percorridas, sendo que de quatro em quatro domicílios escolhia-se um para ser entrevistado. Não se tinha, portanto, como nas 9 zonas anteriores, o número total de domicílios

existentes, como se observa pelo Quadro 1.

QUADRO 1. População, amostra e número de domicílios entrevistados nas zonas periféricas e zona central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	População (nº domicílios)	Amostra (nº domicílios)	Nº domicílios entrevistados
8	297	24	23
10	294	24	20
14	51	4	4
16	74	8	7
18	168	15	15
20	81	6	6
25	159	12	12
26	228	20	20
27	442	36	29
Central	-	30	30
TOTAL	-	179	166

#### 2.4. Coleta e análise de dados

O método utilizado na coleta de dados, foi o de entrevista direta ao chefe de família dos domicílios sorteados, realizada pela autora e por um colaborador previamente treinado. O instrumento utilizado foi um questionário composto de perguntas abertas e fechadas, também previamente testado.

Para a análise dos dados, utilizou-se o método de análise tabular. Algumas associações entre variáveis foram analisadas pelo teste de qui-quadrado e através do método de correlação linear.

## 2.5. Variáveis e sua operacionalização

Utilizou-se das variáveis caracterizadas e definidas como se segue:

- a. Caracterização da família: foi feita através de informações a respeito do seu tamanho médio, distribuição etária, controle da natalidade, origem, escolaridade e religião, além de algumas informações a respeito da saúde e condições de habitação.
- b. Renda familiar: montante em dinheiro auferido pela família durante o ano, referente a salários, retiradas pró-labore, aluguéis, pensões e aposentadorias, conforme a ocupação dos entrevistados.
- c. Renda "per capita": foi calculada dividindo-se a renda total da família pelo número de pessoas de cada família. A renda média "per capita" de cada zona residencial, foi obtida mediante a soma da renda per capita de cada família, dividida pelo número de famílias entrevistadas em cada zona.
- d. Despesa familiar total: somatório das despesas das famílias,

durante o ano, com alimentação, habitação, vestuário, educação, transporte, saúde e lazer.

- e. Potencial da força de trabalho: todas as pessoas em idade de trabalhar, isto é, de 15 a 65 anos de idade.
- f. População economicamente ativa: pessoas que exercem algum tipo de trabalho e auferem alguma renda através dele.
- g. Nível de desemprego: A ideia inicial era determinar o nível de desemprego pelo número de pessoas que não estivessem trabalhando e que estivessem procurando emprego há duas semanas ou mais, na época da entrevista. Ocorreu, no entanto, que havia um grande número de pessoas desocupadas, economicamente, mas que, na sua maioria, não estavam procurando emprego. Percebeu-se durante a aplicação dos questionários uma apatia geral por parte da população no que se refere à procura de empregos. Esta população possivelmente já se encontrava informada e conformada com a ausência de boas oportunidades de emprego. Além disso, conforme salientou SEERS (18), o desemprego em sociedades não industriais, é muito difícil de ser medido se baseado na última ocasião em que foi procurado trabalho. Assim o desemprego foi medido, baseado nas pessoas que estariam disponíveis para o trabalho, não importando se estavam procurando emprego ou não. Os disponíveis para o trabalho foram considerados como sendo todas as pessoas de 15 a 65 anos que não trabalhavam, exceto os aposentados, os incapacitados ao trabalho, as mulheres que trabalhavam em suas casas como domésticas e os

estudantes.

- h. Padrão de consumo: dado pelos tipos de despesas das famílias e também pela proporção desses gastos em relação as despesas totais.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1. Caracterização das famílias

Procurou-se, através das informações obtidas, compor um perfil da população entrevistada descrito nos itens que se seguem.

##### 3.1.1. Número, composição e tamanho médio das famílias

A população estudada constou de 166 famílias sendo 136 residindo nos bairros periféricos e 30 na zona central da cidade.

Das 825 pessoas encontradas, 47,6% são do sexo masculino e 52,4% do sexo feminino. A superioridade numérica das mulheres é observada em sete das dez zonas da cidade (Quadro 2).

O tamanho médio das famílias foi de 5,0 pessoas em média, sendo maior na zona 8 (5,9 pessoas) e menores nas zonas 16 (3,8) e Central (4,0). Não houve grandes variações no tamanho médio das famílias nas diferentes zonas. Em termos médios, não foi encontrado um número elevado de pessoas por família.

QUADRO 2. Número, composição e tamanho médio das famílias nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias entrevistadas	Nº de pessoas		Tamanho médio da família
		Homens	Mulheres	
8	23	63	73	5,9
10	20	47	48	4,8
14	4	7	11	4,5
16	7	12	15	3,8
18	15	44	34	5,2
20	6	12	14	4,3
25	12	29	28	4,8
26	20	57	53	5,5
27	29	72	85	5,4
Central	30	50	71	4,0
TOTAL	166	393	432	-
MÉDIA	-	-	-	5,0

Comparando-se este estudo com outro feito em 1967 por VIEIRA (22), observou-se uma pequena diminuição no tamanho familiar, embora nenhum teste estatístico tenha sido feito (Quadro 3). Dos quatro bairros estudados naquele trabalho e agora (Zonas 8, 10, 25 e 26) três apresentaram um menor número médio de pessoas por família (Zonas 8, 10 e 25). É interessante notar que em 1967 a zona 10 apresentava o maior tamanho médio de família (6,3), e foi justamente esta zona que teve o maior decréscimo até 1980, o que

poderia ser explicado talvez, por um maior controle da natalidade do que há 13 anos atrás.

QUADRO 3. Comparação do tamanho médio das famílias das zonas estudadas em 1967 e 1980

Zonas	Tamanho médio da família em 1967	Tamanho médio da família em 1980
8	6,2	5,9
10	6,3	4,8
25	5,1	4,8
26	4,3	5,5

FONTE: VIEIRA (22), e dados da pesquisa.

Observou-se que atualmente, tanto nas famílias dos bairros periféricos como nas da zona central, os casais estavam informados a respeito do controle da natalidade, e que em algumas zonas era grande o número de casais que utilizavam métodos anticoncepcionais. Este fato pode ser observado através do Quadro 4, o qual apresenta a situação dos casais estudados considerados aptos a terem filhos, isto é, que vivem juntos e cuja mulher tem até 40 anos de idade.

Do total de casais estudados, 69,7% evitam filhos, sendo que a percentagem maior é dos casais da zona central (91,7%), seguidos pelos da zona 8 (90%). As zonas 16, 14 e 20 apresentaram as menores percentagens 0%, 33,3% e 40% respectivamente. Deve

ser ressaltado que nessas zonas o número de casais aptos foi tam  
bém muito pequeno.

QUADRO 4. Número e percentagem de casais que fazem o controle da  
natalidade nas zonas periféricas e central de Lavras-  
Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº casais aptos a terem filhos	Casais que evitam filhos	
		Nº	%
8	10	9	90,0
10	12	7	58,3
14	3	1	33,3
16	1	0	0,0
18	10	5	50,0
20	5	2	40,0
25	7	4	57,1
26	11	8	72,7
27	18	15	83,3
Central	12	11	91,7
TOTAL	89	62	-
MÉDIA	-	-	69,7

### 3.1.2. Distribuição etária da população

A população estudada apresenta uma distribuição etária con  
forme o Quadro 5, apresentando de uma maneira geral a forma de  
pirâmide. O número de pessoas de 0 a 15 anos é bem elevado

(37,3%) e, pelo menos, atualmente, são em geral, indivíduos que requerem grandes gastos e não contribuem com nenhuma forma de rendimento. Por outro lado, podem trazer retornos a prazo não muito longos, caso tenham uma educação adequada. Para SCHULTZ (17), a instrução primária é a mais vantajosa economicamente, pois nesta idade as crianças realizam pouco trabalho e normalmente não obtêm ganho, ocorrendo, portanto, nesta educação, apenas os custos diretos.

QUADRO 5. Distribuição etária da população das zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

Idade (anos)	Nº pessoas	Percentagem em relação à população total
0 - 15	307	37,3
16 - 25	185	22,5
26 - 35	120	14,5
36 - 45	82	9,9
46 - 55	54	6,5
Acima 55	77	9,3
<b>TOTAL</b>	<b>825</b>	<b>100,0</b>

Percebe-se também que a longevidade da população é pequena apesar de uma modificação em comparação com a da população estudada em 1967, quando a percentagem de pessoas acima de 55 anos, era de 6,4% e hoje é de 9,3%.

Deve-se salientar que na pesquisa atual consta a zona central que supõe-se ter condições de vida mais favoráveis e portanto uma idade média de vida mais elevada. Assim, detendo-se somente aos bairros da periferia, têm-se ainda uma maior longevidade da população, conforme se observa no Quadro 6. A percentagem da população da periferia, acima de 55 anos em 1980 foi de 8,2% e é superior à de 1967 (6,4%). Provavelmente, houve melhores condições de alimentação e saúde nas populações estudadas.

Em geral, a distribuição etária estudada agora conserva a mesma tendência da do estudo de VIEIRA (22), em 1967.

QUADRO 6. Distribuição etária da população das zonas periféricas da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

Idade (anos)	Nº pessoas	% em relação à população total da periferia
Até 15	272	38,7
16 - 25	162	23,0
26 - 35	105	14,9
36 - 45	64	9,1
46 - 55	43	6,1
Acima 55	58	8,2
<b>Total</b>	<b>704</b>	<b>100,0</b>

## 3.1.3. Origem e migração das famílias

Ao se fazer o estudo das famílias, constatou-se que essas na sua maioria (60,6%), são constituídas por chefes de origem rural, (Quadro 7). Para os bairros periféricos, exceto as zonas 25 e 26, a percentagem de chefes de família de origem rural é superior à urbana, ocorrendo o inverso para o centro. A tendência geral, portanto, é de famílias de chefes de origem rural residirem nas zonas da periferia, composta principalmente pelas populações de baixa renda.

QUADRO 7. Origem dos chefes de família das zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias	Origem do chefe de família	
		Urbana %	Rural %
8	23	47,8	52,2
10	20	35,0	65,0
14	4	0,0	100,0
16	7	28,6	71,4
18	15	40,0	60,0
20	6	33,3	66,7
25	12	58,3	41,7
26	20	60,0	40,0
27	29	27,6	72,4
Central	30	63,3	36,7
TOTAL	166	-	-
MÉDIAS	-	39,4	60,6

A origem dos chefes de família quanto ao município, é observada através do Quadro 8. Verifica-se que em seis das dez zonas estudadas (8, 10, 16, 18, 20 e Central), a percentagem de chefes de família de outro município é maior do que 50%.

QUADRO 8. Município de nascimento dos chefes de família das zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de Famílias	Município de nascimento dos chefes de família	
		Lavras %	Outro município %
8	23	30,4	69,6
10	20	40,0	60,0
14	4	75,0	25,0
16	7	42,9	57,1
18	15	46,7	53,3
20	16	33,3	66,7
25	12	58,3	41,7
26	20	75,0	25,0
27	29	51,7	48,3
Central	30	36,6	63,4
TOTAL	166	-	-
MÉDIA	-	49,0	51,0

Considerando a população total estudada, cerca de 51% dos chefes de família são oriundos de outro município, indicando por

tanto, uma atração do município de Lavras em relação aos outros municípios, especialmente os municípios vizinhos.

Detendo-se não mais à origem, mas especificamente ao último movimento migratório feito pelas famílias, esta tendência de Lavras como centro de atração também pode ser observada (Quadro 9). Deve ser salientado que os movimentos campo-cidade dentro do município também foram considerados migração rural-urbana, já que segundo MATA et alii (14) os levantamentos censitários são arbitrários ao adotarem os limites municipais como critério de classificação migrante - não migrante.

QUADRO 9. Famílias migrantes para zona urbana do município de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias	Famílias migrantes		Procedência	
		Nº	% em relação total	Urbana %	Rural %
8	23	12	52,2	58,3	41,7
10	20	11	55,0	45,5	54,5
14	4	2	50,0	50,0	50,0
16	7	4	57,1	25,0	75,0
18	15	7	46,7	14,3	85,7
20	6	4	66,7	75,0	25,0
25	12	3	25,0	0,0	100,0
26	20	6	30,0	33,3	66,7
27	29	21	72,4	38,1	61,9
Central	30	12	40,0	91,7	8,3
TOTAL	166	82	49,4	47,6	52,4

Apenas duas zonas da periferia, as 25 e 26, tiveram uma percentagem não muito elevada de migrantes. Além disso, tem-se também que 52,4% das famílias migrantes vieram da zona rural e que em apenas três das dez zonas (8, 20 e central) o número de famílias migrantes rurais não foi superior ao número de famílias migrantes urbanas (Quadro 9).

As razões das migrações e a pretensão dos migrantes de se mudarem novamente são observadas através do Quadro 10.

Vê-se que em 6 zonas periféricas (8, 10, 18, 20, 25, 27), 50% ou mais dos migrantes vieram à procura de emprego na zona urbana de Lavras. Já na zona central, a grande maioria teve também uma razão relacionada ao trabalho, só que não vieram à procura de emprego mas sim transferidos. Tem-se, portanto, que, considerando a totalidade dos migrantes, 60,5% tiveram uma razão relacionada com o trabalho para se transferirem para a zona urbana de Lavras.

A cidade ainda é considerada um centro cultural importante pois 16,3% dos migrantes tiveram como motivação para a migração para a zona urbana de Lavras melhores condições de educação.

Observa-se também que a percentagem de famílias que não pretendem mudar-se novamente é bem grande, em média 89%. Isto revela que o município oferece uma boa receptividade às pessoas que para aqui se dirigem.

QUADRO 10. Razões das migrações das populações das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº famílias migrantes	Razões da migração %					Outras	Percentagem que não pretende mudar de novo
		À procura de emprego	Transferência de emprego	Condições de educação	Condições de saúde			
8	12	50,0	16,7	8,3	0,0	25,0	83,3	
10	11	72,7	0,0	0,0	9,1	18,2	90,9	
14	2	0,0	50,0	50,0	0,0	0,0	100,0	
16	4	0,0	0,0	75,0	25,0	0,0	100,0	
18	7	57,1	14,3	0,0	14,3	14,3	100,0	
20	4	50,0	25,0	0,0	0,0	25,0	75,0	
25	3	66,7	0,0	0,0	33,3	0,0	100,0	
26	6	33,3	16,7	0,0	0,0	50,0	83,3	
27	21	66,7	19,0	4,8	0,0	9,5	57,1	
Central	12	8,3	58,3	25,1	0,0	8,3	100,0	
TOTAL	82	-	-	-	-	-	-	
MÉDIA PERIFERIA	-	44,1	15,8	15,3	9,1	15,7	87,7	
MÉDIA GERAL	-	40,5	20,0	16,3	8,2	15,0	89,0	

Quanto aos migrantes, vindos da zona rural, foi especificada a sua situação na residência anterior, conforme o Quadro 11.

QUADRO 11. Situação de posse da terra das famílias migrantes rurais, na origem e época da migração, residentes nas nove zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº famílias migrantes	Famílias migrantes rurais			
		Nº	Percentual em relação as migrações totais	Proprietárias %	Não proprietárias %
8	12	5	41,7	20,0	80,0
10	11	6	54,5	33,3	66,7
14	2	1	50,0	0,0	100,0
16	4	3	75,0	33,3	66,7
18	7	6	85,7	16,7	83,3
20	4	1	25,0	100,0	0,0
25	3	3	100,0	33,3	66,7
26	6	4	66,7	25,0	75,0
27	21	13	61,9	15,4	84,6
Central	12	1	8,3	100,0	0,0
TOTAL	82	43	-	-	-
MÉDIAS	-	-	52,4	37,7	62,3

Em quase todas as zonas da periferia, o número de famílias migrantes que não tinham posse da terra, e portanto eram empregadas, era superior ao número de migrantes donos de terra. Este fa

to indica portanto que a situação de posse pode influir, dentre outros fatores, na fixação do homem ao campo.

#### 3.1.4. Escolaridade da população periférica e central

O número de analfabetos e de pessoas que não completaram o primeiro grau, na população estudada, é bastante expressivo, conforme se pode ver através do Quadro 12. Além disso, dentro da categoria de primeiro grau incompleto, principalmente nas zonas da periferia, o número de pessoas que não completaram sequer a 4ª série do primeiro grau é grande.

Observa-se que, em média, nas zonas da periferia, a percentagem de pessoas analfabetas é elevada (20,2%), chegando a 62,5% na zona 16, enquanto que na zona central é pequena (2,8%).

A maioria da população da periferia está incluída na categoria de primeiro grau incompleto (65,9%) seguida pelos 20,2% de analfabetos, enquanto que na zona central a maioria tem o segundo grau completo (31,0%) e o número de pessoas com nível superior é de 19,7%. Tem-se, portanto, que o nível de escolaridade na zona central é mais elevado do que nas zonas periféricas.

Quanto ao sexo, observa-se que a escolaridade, tanto dos homens como das mulheres, têm, em geral, a mesma tendência, isto é, a maioria com o primeiro grau incompleto, seguida pelos analfabetos, primeiro grau completo e demais (Quadro 13). O sexo portanto não influenciou na escolaridade das pessoas entrevistadas, o

QUADRO 12. Índice de escolaridade da população\* em nove zonas periféricas e zona central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Escolaridade (%)						
	Analfabetos	1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	Universitário incompleto	Universitário completo
8	23,8	67,9	8,3	0,0	0,0	0,0	0,0
10	17,3	80,8	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9
14	18,2	54,5	9,1	9,1	9,1	0,0	0,0
16	62,5	33,3	4,2	0,0	0,0	0,0	0,0
18	11,8	76,4	11,8	0,0	0,0	0,0	0,0
20	0,0	62,5	25,0	0,0	12,5	0,0	0,0
25	12,5	81,3	3,1	0,0	3,1	0,0	0,0
26	20,0	53,3	22,7	1,3	0,0	0,0	2,7
27	16,0	83,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Central	2,8	19,7	19,7	5,6	31,0	1,5	19,7
MÉDIA PERIFERIA	20,2	65,9	9,5	1,2	2,7	0,0	0,5
MÉDIA GERAL	18,4	61,3	10,5	1,6	5,6	0,2	2,4

\* População acima de 7 anos e que não estuda mais.

QUADRO 13. Escolaridade da população\*, segundo o sexo, nas zonas periféricas e central da cidade de Lavras - Minas Gerais, 1980

População	Escolaridade (%)					Total		
	Analfabetos	1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo		Universitário incompleto	Universitário completo
Homens	15,4	67,5	8,5	1,2	3,7	0,0	3,7	100
Mulheres	19,0	59,1	11,5	1,1	6,3	0,4	2,6	100

\* Pessoas acima de 7 anos e que não estudam mais.

que foi confirmado, através do teste do qui-quadrado utilizado para testar, a independência de duas variáveis, segundo HOEL (11).

Quanto à situação escolar das crianças, com idade de 7 a 15 anos, foi feita uma análise mais completa.

Observa-se através do Quadro 14, que a maioria dessas crianças, cerca de 75,9% em média, se dedica exclusivamente ao estudo. Nas zonas central, 14 e 20 esta percentagem sobe para 100%. Já na zona 16 a maioria das crianças, em idade escolar, não estudam e não trabalham.

Em alguns bairros, foi encontrada uma percentagem expressiva de crianças, em idade escolar, que só trabalham, como por exemplo, na zona 18 ou então, não estudam e não trabalham, como por exemplo nas zonas 16, 26 e 27. Considerando a totalidade de crianças de 7 a 15 anos, vê-se que a percentagem de crianças que não frequentam a escola, pois só trabalham ou não estudam e não trabalham, é elevada, 24,1% conforme o Quadro 14. Este fato mostra a necessidade em algumas famílias, das crianças não estarem estudando por causa do trabalho (7,7%) e mostra também a insensibilidade de alguns pais deixando seus filhos sem estudar sem uma razão que justifique, (16,4%). Não foi encontrado em nenhuma das zonas estudadas crianças que estudassem e trabalhassem ao mesmo tempo.

Observou-se também que, dentro dessa faixa de idade analisada (7 a 15 anos), existe um potencial de força de trabalho que

poderia ser utilizado em trabalhos mais leves e que não prejudicassem a ida à escola, contribuindo para amenizar a situação das famílias de rendas mais baixas, principalmente as da periferia.

QUADRO 14. Situação escolar dos filhos, de 7 a 15 anos, dos casais das nove zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº crianças (7 a 15 anos)	Relação escola trabalho %		
		Só estudam	Só trabalham	Não estudam e não trabalham
8	38	83,3	5,6	11,1
10	18	68,4	15,8	15,8
14	4	100,0	0,0	0,0
16	3	33,3	0,0	66,7
18	13	69,2	30,8	0,0
20	7	100,0	0,0	0,0
25	11	72,7	9,1	18,2
26	23	61,0	13,0	26,0
27	35	71,4	2,9	25,7
Central	22	100,0	0,0	0,0
TOTAL	174	-	-	-
MÉDIAS	-	75,9	7,7	16,4

Ao se comparar a escolaridade dos chefes de família e filhos da população estudada, observa-se, em geral, uma elevação no nível de escolaridade dos filhos (Quadro 15). Deve ser ressaltado que a escolaridade refere-se às pessoas acima de 7 anos e que

QUADRO 15. Comparação entre o nível de escolaridade dos chefes de família e filhos na população das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

		Escolaridade (%)						
		1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	Universitário incompleto	Universitário completo	
Chefes de família	Analfabetos	17,8	60,9	11,3	0,3	5,8	0,7	3,2
	Filhos	6,6	73,1	9,6	1,7	6,8	0,0	2,2

não estudam mais. Em relação aos filhos, foi verificado que entre 353 pessoas acima de 7 anos, 51,6% não estudavam mais, sendo portanto grande a proporção dos que ainda estão estudando (48,4%) e que contribuirão para elevar o nível de escolaridade da população daqui há alguns anos.

O índice de analfabetismo foi diminuído consideravelmente de (17,8% para 6,6%); houve aumento na percentagem de pessoas com o primeiro grau incompleto (de 60,9% para 73,1%), com o segundo grau incompleto (de 0,3% para 1,7%) e com o segundo grau completo (de 5,8% para 6,8%). Nos demais níveis, houve pequenas diminuições.

### 3.1.5. Religião

Quanto à religião das famílias entrevistadas, ela pode ser observada através do Quadro 16.

A religião católica é seguida pela maioria, tanto no centro como nas zonas periféricas. Quanto à religião protestante, não foi identificada nos bairros, mas na zona central se coloca em segundo lugar em número de adeptos. A maior percentagem de famílias espíritas foi encontrada na zona 20 e de crentes na zona 8.

Para a população como um todo, tem-se que 90,7% das famílias são consideradas católicas.

QUADRO 16. Religião das famílias das nove zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias	Religião %				
		Católica	Protestante	Espírita	Crentes	Outras
8	23	91,3	0,0	0,0	8,7	0,0
10	20	95,0	0,0	0,0	0,0	5,0
14	4	75,0	0,0	0,0	0,0	25,0
16	7	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
18	15	93,3	0,0	6,7	0,0	0,0
20	6	83,3	0,0	16,7	0,0	0,0
25	12	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0
26	20	90,0	0,0	0,0	5,0	5,0
27	29	96,6	0,0	3,4	0,0	0,0
Central	30	83,3	10,0	6,7	0,0	0,0
TOTAL	166	-	-	-	-	-
MÉDIAS	-	90,7	1,0	3,4	1,4	3,5

### 3.1.6. Condições de habitação e saúde das famílias

Constatou-se que, em média, 76,3% das famílias possuem casa própria e que na zona 20 essa percentagem chega a 100%, enquanto que na zona central a percentagem é de 40% (Quadro 17). No entanto, deve-se salientar que, em grande parte, as casas da periferia são muito pequenas e não oferecem um ambiente adequado para se viver.

QUADRO 17. Condições de habitação das famílias residentes em nove zonas da periferia e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias	% famílias com casa própria	% de casas com		
			Água encanada	Rêde de esgoto	Luz elétrica
8	23	73,9	91,3	47,8	95,7
10	20	65,0	85,0	70,0	95,0
14	4	75,0	75,0	75,0	100,0
16	7	86,0	71,4	0,0	100,0
18	15	66,7	86,7	73,3	86,7
20	6	100,0	83,3	100,0	100,0
25	12	83,3	75,0	16,7	100,0
26	20	90,0	55,0	20,0	85,0
27	29	83,0	89,7	20,7	100,0
Central	30	40,0	100,0	100,0	100,0
TOTAL	166	-	-	-	-
MÉDIA PERIFERIA	-	80,3	79,2	41,1	95,9
MÉDIA GERAL	-	76,3	81,3	52,4	96,2

O abastecimento de água e luz elétrica, estende-se para a maioria da população estudada, sendo que na zona 26, apenas um pouco mais da metade (55%) da população tem água encanada nas suas residências. Foi também na zona 26 onde se encontrou a menor percentagem de casas com luz elétrica (85%).

Já a rede de esgoto, é bem precária, especialmente nas zonas 16, 25, 26 e 27, pondo em risco a saúde dos seus moradores.

Em média apenas 52,4% das casas possuem rede de esgoto.

Observa-se também que na zona central, os serviços de água, luz e esgoto foram feitos em 100% dos domicílios estudados.

Através do Quadro 18, observa-se que, em média, 42,6% das famílias procuram os médicos e 36,8% os dentistas, periodicamente (pelo menos uma vez por ano). No entanto, quando se trata de consultas ao farmacêutico, esta percentagem sobe para 70,8%, em média. Comparando-se a média da periferia com a da zona central tem-se que a procura a médicos e a dentistas é maior na população central, provavelmente por possuírem um maior nível educacional e maior poder aquisitivo.

Quanto à assistência médica do INAMPS, observa-se que na periferia 78,6% das famílias a utilizam, enquanto que, na zona central, esta percentagem é de 40,0%. Isto é explicado pelo facto de a população central ter possibilidades financeiras que permitam a procura a médicos particulares. Deve ser ressaltado que grande parte da procura ao INAMPS é para os casos de emergência, sendo muito raro as famílias que fazem exames de rotina e prevenção de doenças.

Muitos não vão a médicos particulares devido ao preço da consulta. Existe uma demanda latente que talvez pudesse ser explorada por médicos cobrando-se preços menores. Sabe-se que a demanda para serviços médicos de populações mais pobres é altamente elástica, podendo ser explorada com vantagens mútuas prin-

QUADRO 18. Cuidados com a saúde das famílias residentes nas nove zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias	Percentual que vai periodicamente			Percentual de famílias que utilizam-se dos serviços do INAMPS
		À Médicos	À Dentistas	Ao Farmaceutico	
8	23	4,3	17,4	86,9	78,3
10	20	25,0	25,0	45,0	95,0
14	4	50,0	75,0	75,0	95,0
16	7	71,4	28,6	57,1	71,4
18	15	33,3	26,7	66,7	73,3
20	6	33,3	16,7	100,0	83,3
25	12	75,0	41,7	75,0	83,3
26	20	60,0	40,0	60,0	65,0
27	29	13,8	13,8	75,9	82,8
Central	30	60,0	83,3	66,7	40,0
TOTAL	166	-	-	-	-
MÉDIA PERIFERIA	-	40,6	31,7	71,3	78,6
MÉDIA GERAL	-	42,6	36,8	70,8	74,7

principalmente por alguns médicos que trabalham abaixo da sua capacidade de atendimento.

Observa-se através do Quadro 19 que o cuidado com a prevenção de doenças nas crianças é bom, tanto nas zonas periféricas como na zona central da cidade. Cerca de 92,9% das crianças são vacinadas pelas principais vacinas (BCG, Sabin, Tríplice e Sarampo) e 86,8% dos casais dão a seus filhos vermífugos, pelo menos uma vez por ano.

QUADRO 19. Vacinação e aplicação de vermífugos nas crianças das nove zonas da periferia e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de crianças (até 15 anos)	Crianças vacinadas %	Famílias que dão vermífugos às crianças %
8	60	73,1	82,4
10	41	91,9	71,4
14	7	83,3	100,0
16	4	100,0	100,0
18	27	100,0	90,9
20	10	100,0	75,0
25	25	96,2	100,0
26	40	90,6	76,9
27	58	100,0	71,4
Central	35	94,1	100,0
<b>TOTAL</b>	<b>307</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>MÉDIA</b>	<b>-</b>	<b>92,9</b>	<b>86,8</b>

### 3.2. Estrutura do emprego e níveis de desemprego

#### 3.2.1. O potencial da força de trabalho

Através do Quadro 20 observa-se que a percentagem de pessoas de 15 a 65 anos é de 62,8%, sendo que a zona 16 apresenta a mais alta percentagem de pessoas em idade de trabalhar (81,4%), em relação ao total estudado.

QUADRO 20. Potencial da força de trabalho nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de pessoas estudadas	Pessoas de 15 a 65 anos (potencial)			
		Total	% em relação aos estudados		
			Total	Homens	Mulheres
8	136	81	59,6	30,9	28,7
10	95	53	55,8	27,4	28,4
14	18	10	55,5	22,2	33,3
16	27	22	81,4	44,4	37,0
18	78	48	61,5	35,9	25,6
20	26	15	57,7	26,9	30,8
25	57	33	57,9	28,1	29,8
26	110	73	66,3	33,6	32,7
27	157	100	63,6	33,1	30,5
Central	121	83	68,6	27,2	41,4
<b>TOTAL</b>	<b>825</b>	<b>518</b>	-	-	-
<b>MÉDIA</b>	-	-	<b>62,8</b>	<b>31,0</b>	<b>31,8</b>

O potencial da força de trabalho da população estudada (62,8%) é elevado. Este fato seria benéfico, caso as oportunidades de emprego fossem favoráveis à absorção desse potencial de mão-de-obra.

No que diz respeito à distribuição desse potencial, tem-se que, em quase todas as zonas, exceto nas 18, 25 e 26, o número de pessoas do sexo masculino é inferior ao do sexo feminino (Quadro 20). Já a percentagem de mulheres em idade de trabalhar é, em média para toda a população, a mesma percentagem dos homens. Isto quer dizer que pelo menos em número, concorrem da mesma forma no mercado de trabalho. Deve-se salientar, no entanto, que na zona central, o potencial da força trabalhadora do sexo feminino (41,4%) é bem superior ao sexo masculino (27,2% do total entre - visto).

### 3.2.2. População economicamente ativa

A população economicamente ativa é dada pelo número de pessoas de 15 a 65 anos que estão trabalhando e recebendo algum rendimento pelo seu trabalho e se distribuem conforme o Quadro 21.

Observa-se que, em média, são um pouco mais da metade (53,1%) das pessoas de 15 a 65 anos trabalham; no entanto, este percentual ainda é maior do que para o Brasil como um todo, onde apenas 1/3 do potencial de força de trabalho tem emprego, segundo CUPERTINO (6).

QUADRO 21. População economicamente ativa nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Potencial da força de trabalho (Nº)	População economicamente ativa			
		Total Nº	% em relação ao potencial		
			Total	Homens	Mulheres
8	81	42	51,9	33,3	18,6
10	53	25	47,2	33,9	13,3
14	10	7	70,0	40,0	30,0
16	22	10	45,5	36,4	9,1
18	48	24	50,0	39,6	10,4
20	15	9	60,0	46,7	13,3
25	33	18	54,5	42,4	12,1
26	73	38	52,1	39,7	12,4
27	100	58	58,0	38,0	20,0
Central	83	44	53,0	27,7	25,3
TOTAL	518	275	-	-	-
MÉDIAS	-	-	53,1	33,2	19,9

A zona 14 apresenta a mais alta percentagem de pessoas trabalhando (70%). É interessante notar através dos Quadros 20 e 21, que a zona 16 é que apresenta a mais alta taxa de pessoas em idade de trabalhar (81,4%) sendo ao mesmo tempo, a zona com menor percentagem de pessoas trabalhando (45,5%). Nesta zona há um número elevado de mulheres (quinze) e apenas duas trabalham.

Quanto ao sexo das pessoas que trabalham, observa-se que, em média, em termos percentuais, o número de homens é bem supe -

rior ao das mulheres (Quadro 21). Esta tendência é verificada em todas as zonas da periferia, sendo que na zona central a participação da mulher (25,3%) é quase igual a dos homens (27,7%). Deve ser lembrado, no entanto, que o potencial da força trabalhadora do sexo feminino, nesta zona, é bem superior ao do sexo masculino.

Ainda com relação à utilização da força de trabalho, tem-se, segundo ALMEIDA (1), que a taxa de participação e a duração do trabalho são dois dos componentes básicos para a avaliação do seu nível. Ainda segundo este autor, os Recenseamentos Gerais fornecem estatísticas satisfatórias no que diz respeito apenas à taxa de participação.

A taxa de participação é apresentada no Quadro 21, através do número da população economicamente ativa em relação ao potencial da força de trabalho e é em média 53,1%. Para o Brasil, como um todo, tem-se que a taxa de participação era 45,8% em 1970; segundo ALMEIDA (1).

A duração média semanal do trabalho foi de 42,2 horas, sendo que a menor média foi encontrada para a zona central (39 h), e a maior para a zona 18 (46 h), (Quadro 22). Observa-se que, em média, o número de horas de trabalho das zonas periféricas é maior do que o da zona central.

QUADRO 22. Duração do trabalho nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Duração média semanal do trabalho (horas)
8	40,5
10	43,0
14	39,5
16	41,0
18	46,0
20	45,0
25	44,0
26	39,5
27	44,0
Central	39,0
MÉDIA PERIFERIA	42,5
MÉDIA	42,2

Na população economicamente ativa, observou-se que há um grande número de pessoas trabalhando na construção civil e que um grande número de mulheres exercia a profissão de doméstica. Este fato está ilustrado no Quadro 23.

Nas zonas periféricas, a percentagem de homens trabalhando na construção civil é em média 37,5% e é uma percentagem elevada se for considerada a variedade de profissões encontradas. Percebe-se, portanto, a importância do setor de construção civil para as populações periféricas. Já na zona central, a percentagem

gem de homens trabalhando na construção civil, é nula.

QUADRO 23. Profissão mais exercida pelos homens e mulheres das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº homens de 15 a 65 anos que trabalham	Homens na construção civil %	Nº mulheres de 15 a 16 anos que trabalham	Mulheres com emprego doméstico %
8	27	48,1	15	80,0
10	18	55,6	7	57,1
14	4	25,0	3	0,0
16	8	62,5	2	100,0
18	19	26,3	5	60,0
20	7	0,0	2	50,0
25	14	42,9	4	25,0
26	29	48,3	9	66,7
27	38	28,9	20	45,0
Central	23	0,0	21	0,0
TOTAL	187	-	88	-
MÉDIA PERIFERIA	-	37,5	-	53,8
MÉDIA GERAL	-	33,8	-	48,4

Com referência ao trabalho feminino, em média, 53,8% das mulheres da periferia que trabalham, são empregadas domésticas. Na sua maioria recebem menos que um salário mínimo e não são registradas, não usufruindo, portanto, dos benefícios de que teriam direito. Também na zona central não foram encontradas mulheres com esta profissão.

### 3.2.3. Origem dos rendimentos

O número de indivíduos que recebe alguma forma de rendimento é de 338 pessoas. Esses rendimentos são oriundos de vários tipos de trabalho e situações estando distribuídos conforme o Quadro 24.

Observa-se que a maioria dos rendimentos da população, em média, 75,6% são oriundos de empregos permanentes (assalariados), sendo que a zona central apresenta a mais baixa percentagem de pessoas ocupadas nesta categoria (54,7%).

Em segundo lugar, encontram-se os rendimentos vindos através das pensões e aposentadorias com uma média geral de 15,7%, não havendo grande diferença entre a média dos bairros periféricos e zona central.

Quanto aos rendimentos oriundos da atividade própria, a média das zonas periféricas é de 3,0% sendo que a percentagem de pessoas com atividade própria na zona central é superior (24,5%), mostrando uma maior independência desses indivíduos com relação ao trabalho, além de uma maior disponibilidade em dinheiro para montar alguma atividade própria.

Quanto aos rendimentos, oriundos do emprego esporádico, encontram-se somente em três das dez zonas estudadas. Na zona 8 este percentual chega a 13,2%.

QUADRO 24. Origem dos rendimentos das populações das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº pessoas que recebem rendimentos	Origem dos rendimentos %				
		Emprego permanente	Emprego esporádico	Atividade própria	Pensao e aposentadoria	Outros
8	53	67,9	13,2	0,0	13,2	5,7
10	33	72,7	0,0	0,0	24,2	3,1
14	8	87,5	0,0	0,0	12,5	0,0
16	14	64,3	0,0	0,0	35,7	0,0
18	32	81,3	0,0	3,1	15,6	0,0
20	11	72,7	0,0	9,1	18,2	0,0
25	21	85,7	0,0	4,8	9,5	0,0
26	45	91,2	0,0	4,4	4,4	0,0
27	68	77,9	4,4	5,9	8,9	2,9
Central	53	54,7	1,9	24,5	15,1	3,8
TOTAL	338	-	-	-	-	-
MÉDIA PERIFERIA	-	77,9	2,0	3,0	15,8	1,3
MÉDIA GERAL	-	75,6	1,9	5,2	15,7	1,6

Quanto aos outros tipos de rendimentos são, em média, uma percentagem pequena e são a conjugação de dois ou mais tipos de rendimentos anteriores.

Como o número de indivíduos que recebe alguma forma de rendimento é de 338 e, a população total pesquisada é de 825 pessoas, cada indivíduo que possui renda, sustenta, em média, 1,4 pessoas além dele próprio.

Analisando especificamente os indivíduos que obtêm rendimentos através do emprego permanente (Quadro 25), observa-se que, em média, o percentual de pessoas registradas, e portanto gozando dos direitos trabalhistas, é menor nas zonas periféricas do que na central. Só as zonas 14 e 10 têm uma percentagem de pessoas registradas superior à da central. A zona 25, apresenta a mais baixa percentagem de pessoas registradas (6,1%).

O local de trabalho da quase totalidade dos empregados permanentes é na zona urbana, sendo inexpressivo nesta categoria o número dos que residem na cidade e trabalham no campo.

#### 3.2.4. Nível de desemprego

Os que estavam disponíveis para o trabalho, se distribuem entre as zonas residenciais, quanto sexo e origem, conforme o Quadro 26.

Observa-se que a maioria dos desempregados são mulheres de

origem urbana (35%), seguidas pelos homens de origem urbana (31,7%) mulheres de origem rural (25%) e homens de origem rural (8,3%).

QUADRO 25. Emprego permanente nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº pessoas com emprego permanente	Pessoas registradas %	Pessoas que trabalham na zona urbana %	Pessoas que trabalham na zona rural %
8	36	61,1	100,0	0,0
10	24	83,3	100,0	0,0
14	7	100,0	100,0	0,0
16	9	66,7	100,0	0,0
18	26	61,5	100,0	0,0
20	8	75,0	100,0	0,0
25	18	6,1	100,0	0,0
26	41	48,8	95,1	4,9
27	53	73,6	98,1	1,9
Central	29	75,9	100,0	0,0
TOTAL	251	-	-	-
MÉDIA PERIFERIA	-	64,0	99,2	0,8
MÉDIA GERAL	-	65,2	99,3	0,7

Observa-se também que, exclusivamente quanto ao sexo, o número de mulheres desempregadas é maior (60%) do que o dos homens (40%).

O número de pessoas de origem urbana desempregadas (66,7%) é maior do que as de origem rural (33,3%).

QUADRO 26. Nível de desemprego e número de desempregados, quanto ao sexo e origem, nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Potencial da força de trabalho	Nível de desemprego %	Nº total de desempregados	Nº homens desempregados		Nº mulheres desempregadas	
				Origem urbana	Origem rural	Origem urbana	Origem rural
8	81	16,0	13	2	2	4	5
10	53	13,2	7	5	0	1	1
14	10	0,0	0	0	0	0	0
16	22	18,2	4	1	0	2	1
18	48	8,3	4	0	1	3	0
20	15	6,7	1	0	0	0	1
25	33	6,1	2	2	0	0	0
26	73	19,2	14	5	0	6	3
27	100	12,0	12	4	2	2	4
Central	83	3,6	3	0	0	3	0
Nº TOTAL	518	11,6	60	19	5	21	15
% TOTAL	-	-	100	31,7	8,3	35,0	25,0

Através do Quadro 26, também se observa que o nível de desemprego variou de uma zona para a outra, sendo que as zonas 14 e a central apresentaram os mais baixos níveis (0% e 3,6%) enquanto que a zona 26 apresentou o mais alto nível (19,2%). O nível de desemprego para a população estudada foi de 11,6%. Este índice é muito elevado, ainda mais não se considerando os estudantes que na realidade representam também uma força de trabalho disponível. É possível que esses próprios estudantes não procurem trabalho por conhecerem as dificuldades de obtê-lo dado a pouca absorção das atividades econômicas locais e a baixa remuneração.

Observa-se conforme Quadro 27, que a maioria dos desempregados, cerca de 66,7% estão na faixa de idade compreendida entre 16 e 25 anos. A faixa de idade com menor número de desempregados é a de 46 a 55 anos. Deve ser lembrado, no entanto, que a percentagem de pessoas entre 16 e 25 anos é maior (22,4%) do que as faixas de idade que se seguem.

Foi observado também que enquanto a maioria dos desempregados nas zonas da periferia se encontram entre 16 e 25 anos de idade, na zona central o maior número deles (2) foi encontrado na faixa de 26 a 35 anos.

Vê-se através do Quadro 28, que a maioria dos desempregados (70%), possuem o primeiro grau incompleto, seguida pelos analfabetos (20%). O restante se distribui em pequenas percentagens, entre as outras categorias. Observa-se também que são as zonas 8 e 26 apresentam desempregados analfabetos e que mesmo as

sim são responsáveis pelos 20% dos desempregados totais estudados. Mesmo entre os desempregados, o grau de escolaridade dos da zona central é maior do que os das zonas periféricas.

QUADRO 27. Número de desempregados, quanto à idade, nas zonas periféricas e zona central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de desempregados	Nº quanto à idade				
		16-25 (anos)	26-35 (anos)	36-45 (anos)	46-55 (anos)	56-65 (anos)
8	13	8	2	1	0	2
10	7	6	1	0	0	0
14	0	0	0	0	0	0
16	4	3	1	0	0	0
18	4	3	0	0	0	1
20	1	0	0	1	0	0
25	2	2	0	0	0	0
26	14	9	2	1	0	2
27	12	9	3	0	0	0
Central	3	0	2	0	1	0
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>40</b>	<b>11</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>5</b>
<b>% TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>66,7</b>	<b>18,3</b>	<b>5,0</b>	<b>1,7</b>	<b>8,3</b>

A maioria das pessoas desempregadas tem um baixo nível de escolaridade, sendo necessário portanto políticas específicas para atenuar esse desemprego.

QUADRO 28. Número de desempregados, quanto à escolaridade, nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de desempregados	Nº de desempregados quanto à escolaridade						
		Analfabetos	1º grau incompleto	1º grau completo	2º grau incompleto	2º grau completo	Universitário incompleto	Universitário completo
8	13	7	5	1	0	0	0	0
10	7	0	6	0	0	0	0	1
14	0	0	0	0	0	0	0	0
16	4	0	4	0	0	0	0	0
18	4	0	4	0	0	0	0	0
20	1	0	1	0	0	0	0	0
25	2	0	2	0	0	0	0	0
26	14	5	9	0	0	0	0	0
27	12	0	11	0	1	0	0	0
Central	3	0	0	1	0	2	0	0
Nº TOTAL	60	12	42	2	1	2	0	1
% TOTAL	100	20,0	70,0	3,3	1,7	3,3	0	1,7

### 3.3. Renda "per capita" e a despesa total "per capita" nos diferentes bairros

A renda "per capita" é um parâmetro usado nas análises econômicas, para se conhecer e comparar o grau de desenvolvimento econômico, estabilidade e independência de um país, uma família ou de um indivíduo. Muitas críticas são feitas a respeito dessa medida, porém ela é muito utilizada e válida, se acompanhada de outras variáveis econômicas e sociais, como por exemplo: despesa familiar, escolaridade, condições de habitação.

Através do Quadro 29, pode-se observar a renda "per capita" para as diferentes zonas pesquisadas.

A renda "per capita" das zonas da periferia é em média, e equivalente a 7,9 salários mínimos por ano ou US\$ 610 dolares. Isso quer dizer que, em média, os indivíduos das zonas periféricas têm, por mês, 0,7 do salário mínimo para suas despesas. A menor renda "per capita" encontrada foi na zona 8 (US\$ 404.50) e a maior na zona central (US\$ 3,074.80). Nesta zona, a renda "per capita" é 5,04 vezes a renda "per capita" média das zonas periféricas, mostrando portanto, desigualdade na distribuição de renda.

Quanto à despesa média "per capita" anual para os diferentes bairros, está apresentada no Quadro 30.

QUADRO 29. Renda média "per capita" para as zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Renda média "per capita"		
	Em Cr\$	Em dólares <sup>a</sup>	Em salários mínimos <sup>b</sup>
8	21.843,00	404,5	5,3
10	23.406,14	433,4	5,6
14	57.044,29	1.056,4	13,8
16	24.472,71	453,2	5,9
18	25.687,66	475,7	6,2
20	53.020,49	981,9	12,8
25	31.724,83	587,5	7,7
26	27.125,97	502,3	6,5
27	32.131,33	595,0	7,7
Central	166.039,52	3.074,8	40,0
MÉDIA PERIFERIA	32.939,60	610,0	7,9
MÉDIA GERAL	46.249,59	854,5	11,2

a = o valor médio do dólar de maio a outubro de 1980 era de Cr\$ 54,00.

b = o salário mínimo de maio a outubro de 1980 era de Cr\$ 4.149,60.

Observou-se que a despesa média "per capita" da zona central (16,9 salários mínimos) é 3,4 vezes a despesa média "per capita" anual das zonas periféricas (4,9 salários mínimos). A zona 8 também apresentou a menor despesa "per capita" e a zona central a maior, conservando em geral, a mesma tendência da renda "per capita". Este fato está mostrado no Quadro 31 onde as zonas estão em ordem crescente de renda e de despesa "per capita" por ano.

QUADRO 30. Despesa média "per capita" anual para as zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Despesa média "per capita" anual	
	Em Cr\$	Em salários mínimos
8	11.127,98	2,7
10	15.826,88	3,8
14	41.073,00	9,9
16	16.098,12	3,9
18	17.966,40	4,3
20	28.844,09	6,9
25	20.747,82	4,9
26	17.232,29	4,2
27	17.771,17	4,3
Central	70.079,89	16,9
MÉDIA PERIFERIA	20.743,08	4,9
MÉDIA GERAL	25.676,76	6,2

Observa-se que os três primeiros lugares, em ordem crescente, são ocupados pelas mesmas zonas (8, 10, 16). Isto quer dizer que as zonas que apresentam as três menores rendas médias, também apresentam as três menores despesas médias. Os três últimos lugares, tanto da renda como da despesa, são ocupados também pelas mesmas zonas (20, 14 e central), indicando que as zonas que apresentam as três maiores rendas médias também tiveram as três maiores despesas médias, sendo portanto coerente com a teoria macroeconômica onde o consumo é função da renda.

QUADRO 31. Comparação entre renda e despesas totais "per capita" anuais nas zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Posições das zonas em ordem crescente	Zonas em ordem crescente de renda "per capita"	Zonas em ordem crescente de despesas totais "per capita"
1ª	Zona 8	Zona 8
2ª	Zona 10	Zona 10
3ª	Zona 16	Zona 16
4ª	Zona 18	Zona 26
5ª	Zona 26	Zona 27
6ª	Zona 25	Zona 18
7ª	Zona 27	Zona 25
8ª	Zona 20	Zona 20
9ª	Zona 14	Zona 14
10ª	Zona Central	Zona Central

Nas quatro zonas intermediárias (18, 26, 25, 27) não se estabeleceu uma tendência definida, no entanto, tanto os valores das rendas quanto das despesas totais não são muito diferentes uns dos outros. Pode-se dizer, portanto, que de um modo geral, as despesas totais "per capita" crescem quando a renda "per capita" cresce, o que foi confirmado através da análise de correlação linear.

## 3.4. O padrão de consumo da população

## 3.4.1. Tipos de despesas feitas pelas famílias

Ao se estudar as despesas totais das famílias foram computadas despesas com alimentação, habitação, educação, saúde, vestuário, transporte e lazer (Quadro 32). Porém, nem todas as famílias fazem todas essas despesas.

QUADRO 32. Categorias de despesas nas famílias das zonas periféricas e central de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias	% famílias que fazem gastos com:					
		Alimentação	Habitação	Educação	Saúde	Vestuário	*Outros
8	23	100	100	17,4	4,4	4,4	8,7
10	20	100	100	20,0	45,0	10,0	12,5
14	4	100	100	25,0	75,0	75,0	50,0
16	7	100	100	14,3	42,9	0,0	42,9
18	15	100	100	20,0	66,7	6,7	13,4
20	6	100	100	50,0	83,3	16,7	50,0
25	12	100	100	8,3	91,7	8,3	20,9
26	20	100	100	10,0	65,0	10,0	35,0
27	29	100	100	24,1	75,9	13,8	24,1
Central	30	100	100	40,0	80,0	30,0	31,5
TOTAL	166	-	-	-	-	-	-
MÉDIAS	-	100	100	22,9	62,9	17,5	28,9

\* Transporte e lazer.

A totalidade da população, tanto das zonas periféricas como central, tem despesas com alimentação e habitação. Para os outros tipos de despesas as percentagens variam muito de uma zona para outra. Em algumas zonas da periferia observa-se uma percentagem pequena de famílias fazendo despesas com outros tipos de bens e serviços.

#### 3.4.2. Proporção das despesas em relação à despesa total

O Quadro 33, apresenta o percentual médio das despesas feitas pelas famílias para cada categoria de bens ou serviços. Observa-se que, em média, 72,2% das despesas totais das famílias entrevistadas é com alimentação. Em segundo lugar, vêm as despesas com habitação (11,1%) e, em seguida, os demais tipos de despesas.

Percebe-se também que, em média, nas zonas da periferia o percentual das despesas com alimentação em relação às despesas totais (74,5%) é maior do que o percentual da zona central (51,3%), ocorrendo o inverso com os demais tipos de despesas.

Especificamente, quanto ao ítem educação, observa-se que enquanto o percentual médio de despesas, para as zonas da periferia, é de 0,7%, na zona central chega a 5,6% das despesas totais (Quadro 33).

Observa-se, portanto, que nas populações da periferia, que

têm, em média, uma renda "per capita" mais baixa, o consumo é feito para atender às necessidades mais urgentes de sobrevivência, como, por exemplo, alimentação e habitação. Os outros itens de consumo, como educação, saúde, vestuário, são feitos em menor percentagem, caso a renda seja suficiente.

QUADRO 33. Percentual médio das despesas familiares nas diferentes zonas de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Percentual médio das despesas (em relação à despesa total)					
	Alimentação	Habitação	Educação	Saúde	Vestuário	Outros
8	89,9	7,6	0,3	0,2	0,3	1,7
10	81,9	10,2	0,9	2,2	0,7	4,1
14	59,5	15,7	0,0	8,4	11,4	5,0
16	74,9	10,7	0,7	7,4	0,0	6,3
18	75,7	14,5	0,3	6,1	1,2	2,2
20	60,6	7,2	2,1	14,6	4,1	11,4
25	73,7	8,7	1,3	12,1	1,8	2,4
26	77,9	8,9	0,3	7,3	3,3	2,3
27	76,2	8,4	0,6	5,6	2,4	6,8
Central	51,3	18,7	5,6	8,9	5,2	10,3
MÉDIA PERIFERIA	74,5	10,2	0,7	7,1	2,8	4,7
MÉDIA GERAL	72,2	11,1	1,2	7,3	3,1	5,1

O Quadro 34, mostra a relação entre renda e os gastos com alimentação, nas diferentes zonas. Tem-se que, em geral, quanto maior a renda, menor o percentual de despesas com alimentação em

relação à despesa total, e, conseqüentemente, maior a proporção para os outros tipos de despesas, o que foi confirmado através da análise do método de correlação linear. Este fato está mostrado no Quadro 34, pois a renda "per capita" das zonas está em ordem decrescente enquanto que o percentual das despesas com alimentação em relação à despesa total está em ordem crescente.

QUADRO 34. Relação entre renda e despesas com alimentação nas diferentes zonas de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Renda "per capita" (em salários mínimos)	Percentual de despesas com alimentação em re- lação às despesas totais
Central	40,0	51,3
14	13,8	59,5
20	12,8	60,6
25	7,7	73,7
27	7,7	76,2
26	6,5	77,9
18	6,2	75,7
16	5,9	74,9
10	5,6	81,9
8	5,3	89,9

Observa-se que a zona central apresenta a mais alta renda "per capita" (40,0 salários mínimos por ano) e a menor percentagem de despesas com alimentação (51,3%) enquanto que a zona 8 apresenta a mais baixa renda "per capita" (5,3 salários mínimos/a

no) e o mais alto percentual de despesa com alimentação em relação à despesa total (89,9%). Observa-se também que apenas as zonas 18 e 16 não obedeceram à regra geral estabelecida para as demais zonas (Quadro 34).

Pode-se concluir portanto, através dos Quadros 33 e 34 que a renda familiar é um fator que condiciona o consumo das populações entrevistadas e que se as famílias, da periferia, tivessem uma renda mais elevada, provavelmente aumentariam a proporção das despesas em itens tais como: educação, vestuário, saúde e outros.

#### 3.4.3. O consumo alimentar

O Quadro 35, mostra o consumo por comensal/ano dos alimentos mais usados pelas famílias entrevistadas e as médias para o Brasil, segundo COBAL (4). O consumo por comensal/ano foi obtido através da divisão do consumo total da família pelo número total de pessoas que tomavam as refeições em casa. Para cada zona, tirou-se o consumo médio por comensal/ano.

Observa-se que, quanto aos grãos, a média do consumo de arroz foi bem mais elevada (59,3 kg) para Lavras do que para o Brasil (40,8 kg) e para o feijão obteve-se uma média mais ou menos equivalente, 16,9 kg para Lavras e 18,9 kg para o Brasil. Quanto aos produtos derivados, fubá e macarrão, observou-se uma média um pouco maior no consumo por parte das pessoas estudadas.

QUADRO 35. Consumo por comensal/ano em quilo dos alimentos mais usados nas famílias das diferentes zonas em Lavras - Minas Gerais, 1980

Produtos (quilos)	Zonas residenciais										Médias das zonas entre- vistas	Média para o Brasil*
	8	10	14	16	18	20	25	26	27	Central		
<b>1. GRÃOS</b>												
Arroz	59,7	61,8	48,3	64,2	68,6	45,2	59,7	58,5	58,3	54,8	59,3	40,8
Feijão	18,3	15,5	18,6	24,9	21,6	14,0	16,7	19,0	16,8	10,1	16,9	18,9
<b>2. PRODUTOS DERIVADOS:</b>												
Fubã	11,1	12,5	17,3	26,9	7,1	5,3	9,4	10,6	9,7	5,3	10,2	5,9
Pão	11,7	13,1	9,2	11,7	14,8	39,2	22,4	17,2	12,5	28,1	17,1	15,9
Macarrão	9,5	8,6	10,8	7,1	9,3	3,6	9,1	9,0	6,1	7,4	8,0	4,7
Farinha	5,8	4,8	3,7	4,8	4,9	2,7	7,0	2,7	2,3	6,9	4,6	5,7
<b>3. AÇÚCARES</b>												
	47,7	43,2	42,7	67,3	53,4	28,5	47,3	39,9	41,3	25,2	42,2	27,9
<b>4. CARNES</b>												
Frango	3,9	6,2	14,5	11,1	11,1	11,2	11,8	5,4	10,7	10,6	8,1	7,3
Boi	4,5	4,5	18,0	0,9	13,4	14,4	5,8	6,8	6,4	19,4	8,7	13,9
Porco	3,5	0,6	14,6	1,7	0,6	2,7	25,0	2,4	0,8	7,5	4,7	3,4
<b>5. LEITE</b>												
	37,7	57,9	56,0	12,1	25,2	65,7	27,8	30,7	50,0	89,5	47,6	40,5
<b>6. GORDURA</b>												
Óleo	12,0	12,5	17,8	12,2	13,1	12,4	10,7	13,7	8,6	10,7	11,4	4,8
C. de porco	6,3	5,6	6,0	10,9	8,8	0,7	5,5	3,1	8,0	2,6	5,5	3,6
Manteiga	1,7	1,5	2,4	1,0	2,4	2,4	2,7	1,6	4,3	5,8	2,9	1,5
<b>7. SAL</b>												
	5,6	4,7	6,6	6,6	4,2	3,7	5,7	4,3	5,2	4,3	4,8	4,7
<b>8. OVOS</b>												
	2,5	4,0	7,7	4,4	6,9	13,9	5,4	4,2	3,9	23,4	7,2	4,7
<b>9. OLERÍCOLAS</b>												
Tomate	4,2	1,6	11,2	29,1	8,1	8,1	9,1	4,6	6,0	10,3	6,6	5,4
Batata	1,3	6,6	14,3	21,0	13,3	7,9	12,5	8,5	4,6	3,2	6,6	11,4
Cebola	4,0	2,3	7,3	3,5	3,0	2,6	4,8	2,9	3,4	7,8	4,0	2,9
Alho	0,8	0,7	0,9	0,7	1,8	0,7	0,9	1,2	0,6	3,7	1,3	0,4
Cenoura	2,9	0,8	7,7	-	4,2	2,3	0,4	3,2	1,6	5,1	2,8	0,8
Mandioca	1,5	1,2	1,0	0,8	1,0	1,9	0,9	3,4	0,1	4,8	1,7	5,8
Vagem	0,4	0,1	3,6	-	0,8	0,7	0,3	0,7	0,6	4,5	1,2	0,6
Chuchu	-	0,2	3,6	-	-	-	0,5	0,8	0,6	5,1	1,2	2,7
Quiabo	7,2	-	6,1	-	3,2	0,5	0,7	0,9	0,3	3,6	2,3	0,7
Beterraba	0,6	-	3,0	-	3,5	2,0	-	1,1	-1,0	4,8	1,6	0,2
Abóbora	1,5	1,2	5,4	3,1	3,9	-	1,8	1,0	1,2	2,5	1,7	4,4
Pepino	-	-	5,4	-	1,3	-	1,5	0,7	-	1,6	0,6	0,8
<b>10. FRUTÍCOLAS</b>												
Banana	4,5	1,9	2,8	6,8	7,8	12,7	7,6	7,3	5,8	17,2	7,9	7,2
Laranja	16,1	15,2	47,7	4,1	27,8	10,8	13,7	1,1	11,3	48,5	21,9	8,2

\* FONTE: CORAL (4).

Com o consumo de açúcar aconteceu a mesma coisa. A média de consumo de carne de boi foi menor para a população estudada (8,7 kg) do que para o Brasil (13,9 kg) apesar de consumir mais carne de porco (4,7 kg) e de frango (8,1 kg) do que as médias do Brasil (3,4 kg e 7,3 kg) respectivamente.

Quanto ao leite, pão, sal e algumas olerícolas, as médias foram mais ou menos equivalentes. Os produtos que tiveram uma média bem diferente da do Brasil foram: óleo, açúcar, fubá, mandioca. Especificamente, quanto ao leite, estimou-se baseado no consumo da população estudada, que o consumo/dia para a população total da cidade de Lavras é de 5.850 litros. Segundo registros da Cooperativa Agrícola Alto Rio Grande Ltda., são vendidos na cidade, diariamente, 3.500 a 4.000 litros. Há portanto um consumo de 1.850 a 2.350 litros de leite não pasteurizado, oriundos de vendas diretas ao consumidor, podendo por em risco a saúde da população, diminuindo a renda auferida pela cooperativa.

As quantidades dos produtos consumidos se referem somente aos que foram comprados, não sendo computados os alimentos oriundos das hortas particulares, uma vez que o número de famílias, que faziam este tipo de consumo, foi muito pequeno e em quantidades bem reduzidas.

Observa-se também que o consumo de produtos tais como carne, leite, ovos, algumas verduras e frutas foi maior na zona central do que na maioria das zonas periféricas, ocorrendo o inverso para produtos tais como arroz, feijão e fubá. Observa-se por

tanto que os produtos mais nutritivos, especialmente os ricos em proteínas, são consumidos em menor quantidade na periferia, provavelmente por terem um custo maior.

Um adulto médio normal deveria consumir uma dieta bem balanceada que satisfizesse todas as necessidades de nutrientes essenciais. Segundo TURNER (21), o plano diário básico de refeições de um adulto contém: leite (488 ml); carne, peixe ou aves (120 gramas depois de cozidas); ovos (1 por dia); frutas cítricas (100 gramas), outra fruta (2), vegetais (200 gramas), cereais e pão (20 gramas de cereal e 180 gramas de pão).

Para os principais produtos nutritivos tem-se que em média o consumo diário individual da população estudada, foi de 130 ml de leite, 58 g de carnes, 10 g de ovos (equivalente a menos de um ovo e meio por semana) e 20 g de fruta cítrica. Deve ser ressaltado que as médias acima descritas foram para a população total estudada, sendo portanto mais crítica ainda a situação nas zonas periféricas.

#### 3.4.4. Reação dos compradores a um aumento no preço dos alimentos

Verificou-se, durante a pesquisa, que há, por parte dos compradores de alimentos das famílias, percepções diferentes em relação ao preço dos produtos alimentícios.

Os compradores da zona central, por exemplo, em grande par

te, não percebem e não procuram saber se um determinado produto subiu ou não antes de realizarem as compras, notando-se, às vezes, este fato depois do pagamento. Deve ser lembrado também que grande parte das compras, são feitas em supermercados, impossibilitando ainda mais a barganha entre os compradores e comerciantes.

Quanto aos compradores dos bairros periféricos, na sua grande maioria, estão informados a respeito do preço de cada alimento antes da compra. Isto se deve, sem dúvida, a uma menor disponibilidade financeira das pessoas das zonas periféricas, que possuem uma renda, em média, menor do que a dos compradores da zona central.

Além disso, na periferia, as compras são efetuadas geralmente no dia do pagamento, época em que as famílias determinam previamente de quanto será a despesa com a alimentação durante aquele mês.

A atitude dos compradores da zona central não avaliando ou percebendo as variações no preço, tem um reflexo negativo para a população total, já que o consumo desse grupo tem um peso maior no consumo total. Uma atitude mais racional desses consumidores poderia trazer grandes benefícios para a população total.

Há, também, várias reações diferentes, por parte dos compradores, quando há variação no preço de um determinado produto. Elas serão mostradas no Quadro 36. Observa-se que a maioria das

QUADRO 36. Reação dos compradores à elevação dos preços nas diferentes zonas de Lavras - Minas Gerais, 1980

Zonas	Nº de famílias entrevistadas	Medidas adotadas quando aumenta o preço de produtos alimentícios				
		Não compra o produto %	Substitui por outro %	Muda o local de compra %	Compra menor quantidade %	Compra a mesma quantidade %
8	23	4,3	4,3	47,9	43,5	0,0
10	20	5,0	5,0	0,0	50,0	40,0
14	4	0,0	0,0	0,0	75,0	25,0
16	7	0,0	0,0	28,6	71,4	0,0
18	15	6,7	6,7	0,0	46,7	39,9
20	6	0,0	16,7	0,0	66,6	16,7
25	12	0,0	8,3	0,0	58,3	33,4
26	20	0,0	0,0	5,0	70,0	25,0
27	29	0,0	3,4	0,0	24,2	72,4
Central	30	0,0	0,0	13,3	23,3	63,4
MÉDIA PERIFERIA		1,8	4,9	9,1	56,2	28,0
MÉDIA GERAL		1,6	4,4	9,5	52,9	31,7

famílias (52,9%) compram menor quantidade do produto cujo preço subiu, comportamento normal dentro da teoria do consumidor. Em seguida, viriam pessoas que compram a mesma quantidade (31,7%), este tipo de comportamento é prejudicial às famílias, pois não impede o aumento dos preços dos produtos. Em terceiro lugar, viriam as pessoas que mudam o local de compra (9,5%) e, finalmente, os que substituem o produto por outro (4,4%). Estes dois últimos comportamentos são benéficos para a população, pois ativam a competição, porém foram observados em percentagens reduzidas.

Especificamente quanto ao comprador da zona central, observa-se que 63,4% compra a mesma quantidade do produto caso seu preço se eleve, enquanto que, em média, nas zonas da periferia 28% compra a mesma quantidade. Na zona 8 esta percentagem chega a 0% e é esta zona que apresenta a mais baixa renda "per capita" por ano.

Contrariando um pouco a tendência da periferia, tem-se a zona 27 que apresenta atitudes familiares semelhantes às da zona central, no que se refere à subida de preço dos alimentos.

#### 4. CONCLUSÕES E SUGESTÕES

##### 4.1. Conclusões

O perfil das famílias estudadas mostrou que, embora residindo na zona urbana da cidade, na sua grande maioria eram constituídas por chefes de família de nascimento rural.

O relacionamento entre campo e cidade também foi mostrado quando se estudou o último movimento migratório. Foi constatado que 49,4% das famílias eram migrantes e que, destas, cerca de 50%, oriundas da zona rural. A motivação mais frequente para os deslocamentos populacionais foi o trabalho e, especificamente, quanto às famílias migrantes rurais, 62,3% não eram proprietárias no lugar de origem. A posse da terra influi, portanto, entre outros fatores, na não fixação do homem no campo.

A população estudada apresentou uma distribuição etária, basicamente, em forma de pirâmide, sendo a base constituída pelos mais jovens.

O nível de escolaridade da população estudada apresentou-

se baixo, pois a grande maioria (61,3%) não tinha sequer o primeiro grau incompleto e era expressiva a percentagem de analfabetos (18,4%). O nível de escolaridade da zona central mostrou-se superior aos das zonas periféricas.

O potencial da força de trabalho representava 62,7% da população estudada, no entanto, cerca da metade apenas desse potencial estava empregado, sendo composto principalmente, pelo sexo masculino.

A maior fonte de rendimentos da população, era de empregos permanentes (assalariados), sendo mais acentuada esta tendência na periferia. A atividade própria era expressiva na população da zona central. Além disso, na periferia, a maior fonte de emprego era a construção civil para homens e serviço doméstico para as mulheres.

O nível de desemprego para a população estudada foi elevado (11,6%), sendo que, de modo geral, era maior nas zonas da periferia do que na zona central. O número de mulheres desempregadas era maior do que o de homens, indicando haver maiores chances para o sexo masculino na obtenção de trabalho, já que concorriam com quase o mesmo número no mercado.

O número de pessoas, de origem urbana, desempregadas, foi maior do que o de pessoas de origem rural, explicado pelo fato de existir no mercado de trabalho um número maior de pessoas de origem urbana.

Também entre os desempregados, o nível de escolaridade dos da zona central era mais elevado do que os das zonas periféricas.

Os estudantes que não trabalhavam, não foram considerados desempregados, mas, sem dúvida, representam um potencial disponível que poderia ser utilizado.

A renda "per capita" da população da periferia foi de US\$ 610 dólares indicando que os indivíduos tinham por mês 0,7 do salário mínimo para a sua sobrevivência. Já a zona central apresentava uma renda "per capita" 5,04 vezes a média da periferia.

De um modo geral, as despesas totais efetuadas pelas famílias, cresciam quando a renda crescia. Também quanto maior a renda, menor o percentual de despesas com alimentação em relação à despesa total, e, conseqüentemente, maior percentual para os outros tipos de despesas. Portanto, em geral, nas zonas periféricas, grande parte das despesas eram feitas para atender às necessidades básicas de sobrevivência da família.

Ao se comparar o consumo por comensal/ano, dos alimentos mais utilizados, pelas famílias, não foi observada uma equivalência para todos os produtos, às médias do Brasil.

Através do consumo de alimentos das populações estudadas, concluiu-se que o nível nutricional dos indivíduos das famílias da zona central era melhor do que os das zonas periféricas, fator importante para o crescimento adequado das crianças e manutenção de uma boa saúde.

Verificou-se, também, que uma parcela expressiva da população, estaria consumindo leite cru ao invés do leite pasteurizado, podendo por em risco a saúde de algumas famílias.

Verificaram-se reações diferentes, por parte dos compradores das zonas central e periféricas, às variações no preço dos produtos alimentícios. Nas zonas periféricas, o preço do produto era um fator decisivo na compra e quantidade comprada de alimentos, e, na zona central, o preço não exercia tantas limitações. Este fato é explicado, evidentemente, por ser o poder aquisitivo das famílias da zona central maior do que o das famílias da periferia.

#### 4.2. Sugestões

- Que os órgãos públicos competentes e a iniciativa privada colaborem na criação de novos empregos, principalmente os não especializados, para atender às populações com baixo nível de escolaridade.
- Que a Prefeitura Municipal de Lavras, crie um órgão para registro dos desempregados e empregos oferecidos na cidade.
- Que a Prefeitura Municipal de Lavras, realize programas de saneamento básico nas zonas periféricas carentes desses serviços.
- Que se façam estudos específicos sobre a escolaridade das populações de 7 a 15 anos de idade, principalmente nas zonas pe-

rifêricas, onde o nível de escolaridade é baixo, tentando identificar as razões por que um número elevado de crianças não estavam frequentando as aulas.

- Que se façam campanhas de orientação em defesa do consumidor , favorecendo principalmente às populações perifêricas de baixa renda.
- Que a Cooperativa Agrícola Alto Rio Grande Ltda. realize campanhas mais intensivas de esclarecimento sobre a qualidade do leite pasteurizado.
- Que o governo, através das instituições especializadas em pesquisa e assistência ao meio rural, dê mais ênfase aos programas de melhoria do nível de vida e de fixação do homem à terra, diminuindo o êxodo rural.

## 5. RESUMO

O objetivo geral do presente trabalho foi a caracterização da situação do emprego, dos níveis de renda e consumo das populações periféricas e central da cidade de Lavras, em 1980.

Os dados foram obtidos através de entrevista direta a 166 chefes de famílias residentes em nove zonas periféricas e zona central da cidade.

As famílias das zonas periféricas em geral, apresentaram uma expressiva percentagem de chefes de origem rural (61,6%), precárias condições de habitação e baixo nível de escolaridade em relação à zona central.

Apesar de grande o potencial da força de trabalho em relação à população estudada (62,8%), apenas 53,3% desse potencial estava empregado e era composto de 33,2% de homens e 19,0% de mulheres.

Os rendimentos da população provinham em 75,6% do emprego permanente, 15,7% de pensão e aposentadoria, 5,2% de atividade própria, 1,9% de emprego esporádico e 1,6% de outros.

Na população economicamente ativa da periferia 37,5% dos homens trabalhavam na construção civil e 53,8% das mulheres como empregadas domésticas, sendo nula a percentagem desses dois tipos de emprego na população da zona central.

O nível de desemprego foi de 11,6% na população total estudada, sendo maior o desemprego feminino do que o masculino e em níveis mais elevados na periferia do que na zona central.

A renda média, "per capita"/ano, da periferia foi de US\$ 610.00 e da zona central US\$ 3,074.80 dólares.

As despesas totais "per capita" cresciam quando a renda "per capita" crescia. Também, quanto maior a renda "per capita" menor o percentual de despesas com alimentação e maior o percentual de outras despesas em relação à despesa total.

O consumo de alimentos mostrou que a população da periferia, tinha uma dieta menos rica em alimentos nutritivos do que a população da zona central. Mostrou também que o preço exerce uma influência maior na população da periferia do que na população da zona central, na compra de produtos alimentícios.

## 6. SUMMARY

The general objective of this work was the characterization of job situation, levels of income and consumption of the population of the central and the peripheral areas the city of Lavras in 1980.

The data were obtained through direct interviews with 166 heads of families living in nine peripheral areas and in the central area of Lavras.

The families from peripheral areas generally presented an expressive percentage of heads of families coming from rural areas (61,6%), precarious living conditions and low level of schooling, as compared to central town area.

In spite of the high working force potential in relation to the population studied, (62,8%), only 53,1% of this potential were employed, being 33,2% men and 19,9% women.

The source of income was 75,6% from regular jobs, 15,7% from retirement or other pensions, 5,2% from own activities, 1,9% from sporadic jobs, and 1,6% from other sources.

In the economically active population in peripheral areas 37,5% of the men worked in the construction sector and 53,8% of the women worked as domestic servants.

The level of unemployment was 11,6% among the population studied, being higher for women than for men, and also higher in peripheral areas than in the central area.

The average per capita income in the peripheral areas was US\$ 610.00 and in the central area US\$ 3,074.80.

Total per capita expenses increased as income increased. As the per capita income increased, the percentage spent for food was lower, and the percentage for other expenses was higher in relation to total expenses.

Food consumption showed that the population from peripheral areas had a diet poorer in nutritional foods than the population from the central area. It also showed that price of foods have more influence on the population from peripheral areas than on the population from the central area.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, José. Industrialização e emprego no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1974. 139p.
2. BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. Progresso sócio-econômico na América Latina. Washington, 1977, 483p.
3. BRAGA, Fernanda Fontes. Estudo do consumo em famílias de Viçosa, Minas Gerais. Viçosa, 1967, 57p. (Tese MS).
4. COMPANHIA BRASILEIRA DE ALIMENTOS. Informações relativas do consumo de alimentos no país. Brasília, 1978. p. ir.
5. COSTA, Manoel Augusto. Urbanização e migração urbana no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1975. 198p.
6. CUPERTINO, Fausto. A concentração da renda no Brasil. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976, 123p.
7. EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL - MG. Coordenação de Planejamento. Questionário de realidade municipal. s. e., 1977. 29p.

8. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Instituto Brasileiro de Economia. Pesquisa sobre consumo alimentar. Rio de Janeiro, 1975. v. 1, 34p.
9. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse preliminar do censo demográfico. VIII recenseamento geral - 1970. Rio de Janeiro, 1971, 676p.
10. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse preliminar do censo demográfico. IX recenseamento geral do Brasil - 1980. Rio de Janeiro, 1981, Tomo 1, nº 1, 93p.
11. HOEL, Paul G. Estatística elementar. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1972, 311p.
12. LEE, Everetts. Uma teoria sobre a migração. In: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Migração interna. Fortaleza, Etene, 1980. v. 1, p. 89-114.
13. MATA, Milton da. Urbanização e migrações internas. In: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Migração interna. Fortaleza, Etene, 1980. v. 2, p. 807-44.
14. MATA, Milton da et alii. Migrações internas no Brasil; aspectos econômicos e demográficos. Rio de Janeiro, IPEA/INPES 1973. 217p.

15. MUÑOZ, H. & OLIVEIRA, O. de. A migração interna na América Latina, exposição e crítica sobre algumas análises. In: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Migração interna. Fortaleza, 1980. p. 577-610.
16. RAVENSTEIN, E.G. As leis da migração. In: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Migração interna. Fortaleza, Etene, 1980. v. 1, p. 19-88.
17. SCHULTZ, Theodore W. A transformação da agricultura tradicional. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. 207p.
18. SEERS, Dudley. The meaning of development. New York, The Agricultural Development Council, 1970. 11p. (Paper).
19. SINGER, Paul. Economia política da urbanização. 3 ed. São Paulo Brasiliense, 1976. 151p.
20. TODARO, Michael P. A migração da mão-de-obra e o desenvolvimento urbano em países subdesenvolvidos. In: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Migração interna. Fortaleza, Etene, 1980. v. 1, p. 145-72.
21. TURNER, Dorothea. Handbook of diet therapy. Chicago, The University Chicago Press, 1971. 260p.
22. VIEIRA, Guaracy. Aspectos econômicos e sociais de nove bairros pobres da zona urbana de Lavras, Lavras, 1967. 33p.